

Marco Túlio Cícero e o cuidado de si

Kauana Candido Romeiro (UEL)

Resumo: Analiso as práticas do cuidado de si em alguns escritos de Marco Túlio Cícero. Estas práticas foram estudadas por Michel Foucault nos cursos *A hermenêutica do sujeito* (1982), *O governo de si e dos outros* (1983) e *A coragem da verdade* (1984). Foucault aponta para uma cultura de si na Antiguidade Clássica e fala de modos de construção de si pelo próprio sujeito, constituídos de práticas, exercícios em torno de si, para uma condução da vida e da alma. Assim, analiso as *Tusculanas I, III*, o *Sumo bem e sumo mal*, e o *Manual do candidato às eleições*.

Palavras-chave: Michel Foucault; Cuidado de si; Marco Tulio Cícero.

Marcus Tullius Cicero and the self-care

Abstract: I analyze the practices of self-care in some writings of Marcus Tullius Cicero. These practices were studied by Michel Foucault in The hermeneutics of the subject courses (1982), The government of self and others (1983) and Courage of Truth (1984). Foucault points to a culture of self in Classical Antiquity and talks about ways of constructing by the subject itself, consisting of practical exercises around him, which allowed drive the life and soul. Thus, I analyze the *Tusculanas I e III*, *Sumo good and evil sumo*, and the *Manual election candidate*.

Keywords: Michel Foucault; self-care; Marcus Tullius Cicero.

1. Práticas de si: o inventário foucaultiano

Michel Foucault empreendeu, nos seus últimos cursos no Collège de France, no início de 1970, estudos sobre o mundo antigo, a partir da ética do cuidado de si. Assim, analisa uma expressão antiga grega, *epiméleia heautón*, que os latinos traduziram por *cura sui*, cuja etimologia nos remete às formas de atividades físicas e espirituais: ocupar-se consigo; *melétai*: exercitar-se em ginástica, em treinamento militar; *epimélesthai*: forma de atividade vigilante, contínua, aplicada, regrada, etc. (FOUCAULT, 1982: 77). Esta expressão traduzida significa cuidado de si que envolve várias práticas e exercícios do sujeito para consigo, caracterizando a atitude filosófica ao

longo do período helenístico, nas escolas filosóficas da Antiguidade greco-romana nos séculos V a.C. até o século V d.C.

O cuidado de si perpassa as culturas grega, helenística e romana, não só na filosofia, mas também como princípio de racionalidade para a condução moral, empreendida pelo próprio sujeito sobre si. Na reflexão filosófica, Foucault vê traços de sua emergência na figura de Sócrates até o limiar do cristianismo. Mas, “o princípio ‘ocupar-se consigo’, não foi desde a origem e ao longo de toda a cultura grega, uma recomendação para os filósofos” (FOUCAULT, 1982: 30). Foucault mostra quando aparece a expressão *epimeleia heautón*, no momento que Plutarco pergunta a um lacedemônio porque eles próprios não cultivavam as terras conquistadas, deixando-as a cargo dos *hilotas*, e este responde “simplesmente para podermos nos ocupar de nós mesmos” (FOUCAULT, 1982: 32). Não se trata de um cuidado filosófico, mas apenas um privilégio econômico, social e político da aristocracia espartana, que se ausentava desse trabalho a fim de cuidar do que interessava a eles.

Ao analisar a figura de Sócrates no livro *Alcibíades*, Foucault observa que aquele retomava a expressão antiga com o intuito de fazer Alcibíades refletir sobre si mesmo para saber o que havia de ser sua atividade política e a exercitar este cuidado numa relação mestre e discípulo. Alcibíades queria transformar seu *status* privilegiado - Alcibíades tem uma boa herança, vem de família aristocrática - em ação política, “em governo efetivo dele próprio sobre os outros. [...] É nesse momento que nasce a questão do cuidado de si” (FOUCAULT, 1982: 32). Sócrates mostrava que a necessidade desse cuidado vinha da insuficiência pedagógica pessoal e, de maneira geral, ateniense, pois, frente a seus adversários políticos e inimigos da cidade, exemplificava com Esparta e suas vantagens na educação de seus jovens e com a educação recebida pelo jovem príncipe persa, havia um déficit na educação de Alcibíades.

Assim, a necessidade do cuidado de si se vinculava ao exercício de poder, quando Alcibíades queria alcançar um governo efetivo na cidade: “Não se pode governar os outros, não se pode bem governar os outros, não se pode transformar os próprios privilégios em ação política sobre os outros, em ação racional, se não se está ocupado consigo mesmo.” (FOUCAULT, 1982: 35). Mas, o que é esse consigo mesmo? Quando Sócrates incita Alcibíades a cuidar de si, o eu a que se refere é a alma, sendo que ao fortalecê-la, ao protegê-la, impede que algo exterior venha a atingi-la, o que levaria ao enfraquecendo da razão, da mente e do corpo.

Nos séculos I e II da nossa era, o cuidado de si, não se direciona mais somente a jovens que empreendem exercícios sobre si para exercer o poder político, este princípio passa a ser coo

extensivo à vida, o cuidado deve agora durar a vida toda, uma preparação para todas as adversidades que possam nos atingir, além de corrigir os vícios. O princípio se generaliza tomando a forma de uma cultura de si, “[...] chega-se nos séculos I-II a uma cultura de si, uma prática de si cujas dimensões são consideráveis, cujas formas são muito ricas [...]” (FOUCAULT, 1982: 282). A cultura de si se constitui por um conjunto de valores que têm entre si uma coordenação, hierarquia e subordinação, na prática dos exercícios, na relação entre mestre e discípulo, constituindo uma arte de viver.

A prática de exercícios físicos, exame de consciência, meditações, leituras, anotações de conversas, tarefas práticas pedagógicas, filosóficas, médicas, são desenvolvidas nas grandes escolas filosóficas helenísticas, principalmente no estoicismo, que devem fazer parte da rotina, dos pensamentos, do sujeito. A vida torna-se como uma obra de arte, a cada pincelada, um exercício, e estas modificações se desenham na tela a fim de delinear uma figura, assim ocorre também no sujeito constituindo, ele mesmo, sua subjetividade.

O cuidado com o próprio eu serviria tanto para fortalecer a alma, a mente e o corpo quanto para atingir uma velhice tranquila e na correção de vícios. Portanto, o cuidado de si tem também funções de “corrigir, reparar, reestabelecer um estado” (FOUCAULT, 1982: 88). Com isso, medicina e filosofia se aproximam. Para Cícero, figura que vamos trabalhar mais abaixo, a filosofia se constituiria como a medicina da alma e, numa arte de viver retamente. Assim, ele se remete tanto ao cuidado com a alma, como cuidar da vida, racionalizar suas condutas, reparar os vícios.

Um dos exercícios presentes neste cuidado de si que destacamos, vem a ser a prática do falar, o diálogo entre discípulo e mestre, entre filósofo e príncipe, como também entre irmãos e amigos, que Foucault analisa na palavra grega *parrhesia*, que significa falar francamente, ter a liberdade da palavra, dizer a verdade. Nos livros *O governo de si e dos outros* e *A coragem da verdade*, Foucault nos indica a presença desta prática nos textos clássicos, dos séculos IV a.C. ao III d.C., e como se manifestou no mundo antigo. Originalmente “a *parrhesía* é a liberdade de palavra dada a todo cidadão numa democracia, seja ele rico ou pobre.” (FOUCAULT, 1983: 173). Para que este cidadão exerça esta fala franca, ele tem que ter ascendentes com qualidade moral, o que possibilitaria uma assimetria social, uma superioridade sobre alguns. Ao somar isto a um *logos* (um discurso, um pensamento) sensato, o sujeito se liga a essa verdade e com a coragem de dizê-la, ele se torna um *parrhesiasta*. Mas, na primeira metade do século IV a.C. houve uma dificuldade de dizer a verdade na democracia, pois todos poderiam falar, mas nem todos teriam aquelas

qualidades que citamos acima. Com isso, na Assembléia o povo não queria mais ouvir quem falava a verdade, mas os lisonjeadores, aqueles que diziam o que o povo queria ouvir. Portanto, a *parrhesia* é deslocada da tarefa de governar corretamente a cidade, indo em direção à *psuché*: “[...] que consiste em mostrar aos indivíduos como governar convenientemente a cidade [...] consiste em se dirigir à alma dos que devem governar, de maneira que se governem convenientemente e que, assim, a cidade também seja governada convenientemente.” (FOUCAULT, 1983: 275).

Essa relação entre o dizer à verdade sobre a governança, servindo de guia, também, para a alma do Príncipe, função muito empreendida pelos filósofos estoicos, a exemplo de Sêneca em relação a Nero.

Outra prática para se cuidar de si que se empreende na alma do Príncipe, do discípulo, no pensamento estóico, se associava a todo um conjunto de atividades de conhecimento, que une o olhar para si em relação com a ordem do mundo: “[...] moral/ lógica/ física, todas elas ligadas a uma cosmologia e a um conjunto de especulações sobre a ordem mundo.” (FOUCAULT, 1982: 232). Os aspectos do conhecimento do mundo (*mathesis*), de sua natureza, seu funcionamento, sua constituição, ligadas à moral, contribuem para a constituição do sujeito.

O exercício de ascese (*askesis*) flexiona esse conhecimento sobre o mundo em um valor espiritual que transforma o sujeito com objetivo de prepará-lo para os acontecimentos previstos e imprevistos da vida. Esta preparação se dá com frases pronunciadas, ouvidas e lidas, incrustadas no espírito e na alma, sendo indutoras de ações, constituindo matrizes de ações para um comportamento razoável. Então, ter a ordem da natureza na mente, pelas lições do mestre por meio da prática da *parrhesia*, frases que, principalmente, disse a si mesmo, repetidas vezes, cotidianamente, faz parte desta preparação. As frases, os discursos, que se têm no espírito são buscados, resgatados, para o auxílio quando houver necessidade, quando a morte ameaçar, se estiver doente e sofrendo, para que se proteja a alma e impeça que seja atingida, a fim de manter a calma e a tranquilidade.

A realização desses exercícios, dessas práticas tem por objetivo encontrar a felicidade em si, de modo, a vencer os vícios, sendo firme e sereno nas adversidades, recusando os deleites, tendo domínio de si num combate interior e exterior com o eu. Desse modo, analiso Marco Túlio Cícero, nas *Tusculanas*, no *Sumo bem e sumo mal*, indicando exercícios que este emprega sobre si, ao pensar sobre a morte, no sumo bem e no sumo mal da vida, na filosofia como meio de atingir a tranquilidade, a virtude, além de outros exemplos.

2. Marco Túlio Cícero, o consulado e o cuidado de si na política

Segundo Marilena Chauí (2010: 225-226) e Maria Helena Pereira (2002: 126-128), Marco Túlio Cícero nasceu em três de janeiro de 106 a.C., em Arpino, estudou direito e filosofia. Foi estudar em Atenas em 79 a.C., passando aí seis meses como chefe da Academia. Teve aulas de retórica e uma aproximação com a escola epicurista. Começou sua carreira pública como advogado. Ingressou na política em 75 a.C. como *Questor* na Cilícia. Com grande talento oratório, ascendeu para *Edil Curul*, em 69 a.C., Pretor em 66 a.C. e ao cargo de Cônsul em 63 a.C. Nesse momento, Marco enfrentou uma conspiração organizada por seu adversário político derrotado, Catilina. Ao impor pena de morte aos envolvidos no episódio, seus adversários declararam abuso de poder de Marco, banindo-o de Roma, em 58 a.C. Retornou em 51 a. C, anistiado por Júlio César, como governador da província da Cilícia. Marco Túlio Cícero, defensor da República, se desgostou com a tirania que via se desenrolar com a morte de César, e com isso se afastou da política. E com a união de Marco Antônio, Lépido e Otávio, foi morto pelo exército de Antônio.

Cícero foi político, filósofo (dele restam 12 tratados), teorizador de retórica (com seis obras). Teve uma formação variada, contato com a escola de Panécio e Posidônio (estoicos, sendo que o último, ao fundar uma escola em Rodas, recebeu a visita de Cícero), além de ter conhecido o epicurista Fedro. Frequentou escolas epicuristas, levando seu amigo Ático. Dedicou-se a sua formação desde os 18 ou 20 anos até 63 anos, idade na qual foi assassinado.

Analisarei alguns aspectos do cargo de cônsul com uma das fontes, o *Manual do candidato às eleições*, juntamente com a perspectiva teórica foucaultiana do cuidado de si, na disputa eleitoral de Cícero pelo consulado.

Na República, a mais importante magistratura era o Cônsul, a quem cabia decidir sobre a guerra e sobre todos os assuntos civis. Vejamos uma descrição de Políbio (História, livro VI, capítulo 11-18), primeiro estudioso sobre as instituições romanas:

Os cônsules, presentes em Roma [...] exercem autoridade sobre todos os assuntos políticos, pois todos os magistrados, a exceção dos Tribunos da plebe, lhe são subordinados e estão desobrigados a obedecer-lhes. [...] Quanto aos preparativos de guerra e a condução geral das operações militares, seu poder é quase discricionário [...].

Para atingir este cargo, os candidatos deveriam ter ancestrais cônsules ou patrícios, mas com as conquistas, no início da República, nas primeiras guerras púnicas, “a abundância do dinheiro proveniente da espoliação das províncias” (ROULAND, 1997: 305) surgiu um novo

estrato social formado pelos “homens novos”. Oriundos do enriquecimento dessas conquistas possuíam terras e pequenos títulos de nobreza.

Cícero não pertence à linhagem da antiga aristocracia. Como se dizia na época, ele era um “homem novo” [...] não dispõe de clientelas preestabelecidas, legadas por seus pais, nem de uma rede preexistente de relações: subiu na escala social, senão inteiramente sozinho, em todo caso por suas próprias forças (ROULAND, 1997: 458).

Cícero era um deles, pois não tinha origem nobre, não pertencia à linhagem aristocrática, mas atingia o censo (o valor censitário para pleitear uma candidatura), além de formação nas leis, que lhe proporcionou a fama de grande defensor público-advogado. Com talento oratório e sua formação erudita, a eficiência nas defesas levou à fama e ao consulado. Para chegar a esta magistratura, as qualidades pessoais eram necessárias, sendo que a partir delas analisarei desde uma perspectiva foucaultiana, a prática e o cuidado de si que Cícero despreendeu-se sobre si para se galgar na hierarquia política romana, esboçadas no *Manual do Candidato às eleições (Commentariolum petitionis)*.

Quinto Cícero, irmão de Marco Túlio Cícero, no final do ano 65 a.C., escreveu ao seu irmão, o *Manual do Candidato* (ROULAND, 1997: 457), que sistematizava uma série de comportamentos e ações que Cícero deveria lembrar sempre, meditar a todo o momento, praticá-los em sua vida para atingir o consulado.

Para atingir a hierarquia política romana eram necessárias qualidades pessoais e táticas eleitorais, como é o caso da *amicitia* (amizade). Além disso, devia praticar o bajulamento com todas as pessoas, meditar sobre o que quer e ter reputação. A *amicitia* “se refere ao círculo de “amigos políticos”, as pessoas com as quais se podem contar, porque conhecidas e porque pertencentes ora mais ora menos ao círculo parental, e porque também já lhes prestou algum favor.” (ROULAND, 1997: 183) Pessoas importantes que se faziam presentes nos palanques eleitorais, tornavam-se um apoio eleitoral importante e ativo para as candidaturas, ainda mais ele sendo um *homo novus*.

Utilizar a bajulação (conhecendo as pessoas pelo nome, sabendo o que elas estão fazendo, usando de linguagem apropriada para falar com homens de cidades pequenas e da zona rural) com sua presença contínua em Roma e da generosidade (representada nos banquetes) seriam formas de atrair mais ainda as pessoas. Cícero colocava que a prática da bajulação e da generosidade, sempre presentes, não eram estratégias que visavam corromper as pessoas, mas

apenas para aproximá-las do candidato: “De fato, quando a bajulação é usada para corromper alguém, ela é vil; quando é para aproximar pessoas amistosamente, não é tão execrável, e até necessária, na verdade, para um candidato [...]” (*Manual do Candidato*, XI, 42).

Para ser merecedor e levar as pessoas a darem o apoio eleitoral, as opiniões dos mais próximos do candidato era um fator importante para a eleição. As pessoas que estavam ao redor deviam desejar o sucesso do candidato e atestar a sua reputação, pois a opinião caseira era a principal fonte formadora da reputação.

[...] você deve trabalhar infatigavelmente para que cada pessoa que lhe é mais íntima (e, sobretudo quem é de sua casa) o ame e deseje ardentemente que você tenha o maior sucesso possível [...], pois quase todo comentário que dá autoridade a reputação de um homem público provém de fontes caseiras (*Manual do candidato*, V, 17).

E quem são estas pessoas ao redor? As tribos - o enquadramento territorial dos romanos, além dos vizinhos, clientes (homens livres dependentes de outro) e até escravos libertos. Tendo, Cícero com sua bela reputação, atestada pelas pessoas de seu convívio, contaria com muitos votos, pois estas informações caseiras circulavam, principalmente, nos comícios: discursos proclamados nos *contio* - reuniões preliminares às votações, nas quais não se decidia nada, apenas os candidatos discursavam os líderes da oratória, sendo abertos às mulheres, aos escravos e aos não-cidadãos. Com uma boa argumentação, já influenciava as decisões populares. A importância da oratória para conquistar e convencer a população era elemento fundamental na disputa eleitoral, tema constante na carta de Cícero:

Por isso, se fizer o que a natureza (*natura*) e os estudos (*studia*), que você sempre cultivou, lhe concedem, o que a lógica (*ratio*) do momento atual requer, o que você pode e deve fazer, não terá competição nada difícil com tais concorrentes que são de jeito nenhum tão ilustres pela origem quanto famosos pelos vícios (*Manual do Candidato*, III, 12).

Em meu foco de análise todas estas orientações comportamentais, que provém dos conselhos do irmão, se constituem como práticas de si que são necessárias nesse contexto eleitoral, sendo algumas sugestões já empreendidas por Cícero:

Portanto, ao se candidatar ao mais alto cargo político e se dar conta dos interesses e sentimentos que lhe são fortemente contrários, é necessário (*necesse est*) dispor de todo raciocínio (*rationem*), cuidado

(curam), esforço (laborem), e aplicação (diligentiam) (Manual do Candidato, IV, 15).

Com isso, podemos ver uma relação de cuidado de si com as recomendações, as sugestões e encadeamento da carta. O cuidado que Marco devia ter em relação a sua reputação; a aplicação e o esforço que ele deveria ter para alcançar muitos votos, além disso, Quinto quando escreveu o manual, colocava que:

[...] não seria demais lhe escrever o que tem me vindo à cabeça, dia e noite, quando penso em sua candidatura as eleições- não para que aprenda alguma novidade, mas para que coisas [...] sejam dispostas com método e organização [...]. (Manual do candidato, I, 1).

Há, assim, a necessidade do outro (do irmão), de uma relação construída com amizade, marcada pela proteção, um mediador do conteúdo que há de lhe fornecer “uma série de intervenções, conselhos que permitirão ao outro conduzir-se como convém.” (FOUCAULT, 1982: 141). Nessa necessidade do outro, a relação com o que é dito e a verdade se unem, e é o que Foucault analisou na palavra *parrhesia* (dizer a verdade) como suporte para o cuidado de si, que se insere na relação entre os irmãos com a carta: Quinto dirá tudo que lhe vem à mente, de maneira franca, interventora e, o que seja para ele, verdadeiro, a fim de melhor conduzir o irmão à eleição.

Por meio da *parrhesia* encontramos, assim, a relação entre o irmão e o político, do parente como conselheiro. Irmãos que escrevem cartas, não só como forma de comunicação, mas de uma relação de conselhos, de guia para melhorar o sujeito, Marco Túlio, neste caso com o *Manual do Candidato*. Um franco falar que direciona o sujeito para as melhores condutas no seu modo de viver. Quinto Cícero reúne sugestões num único o manual para ajudar a orientar Marco, pede que:

[...] se lhe parecer que algo deva ser alterado ou inteiramente suprimido, ou se algo teria sido esquecido, por favor, me diga, pois desejo que este manual do candidato seja considerado perfeito (Manual do candidato, XIV, 58).

O objetivo desse manual, dessa preocupação com o eu, se dá pela busca da mais alta governança na política de Roma, o consulado. Percebemos a importância dessa magistratura que estando no topo da hierarquia política romana contava como alicerces as Assembleias e o Senado.

Assim, vemos a figura do conselheiro no irmão de Marco Túlio, analisando sobre a perspectiva foucaultiana, falar francamente para melhor se conduzir. Não só os conselhos são importantes, mas também a série de procedimentos, bajulação, generosidade, meditação, presença em Roma, erudição, boa reputação, que Cícero devia ter em mente e realizar em seu comportamento para conseguir o maior apoio possível, e atingir seu objetivo, a eleição ao consulado.

3. A prática filosófica como arte de viver nas obras de Cícero

Vejam os a prática filosófica de Marco Túlio Cícero em *As Tusculanas*, que são diálogos entre Cícero e um aspirante à filosofia. Maria Helena Pereira (2002: 130) coloca que as *Tusculanas* foram escritas em 45 a.C, no momento em que se afastou do Senado e dos trabalhos de advogado, passou a viver um ócio cultivado, ou seja, em seu tempo livre estudava os princípios e regras relacionadas à arte de viver sabiamente, a filosofia. Assim, buscava com a sabedoria, companhia e auxiliar da natureza, proteger a alma e o corpo.

Estes diálogos compõem cinco livros com discussões de temas filosóficos: a morte (livro I), a dor (livro II), a medicina da alma, a aflição (livro III), a perturbação (IV) e sobre a vida feliz (livro V). Compreendo que nestes diálogos, com seus temas discutidos, as opiniões de Marco Túlio, se relacionam com as práticas de si, com a perspectiva foucaultiana. Vejo essa relação também no *Sumo bem e sumo mal*, escrito filosófico do mesmo período de afastamento das atividades de Marco. Neste Cícero defende que o homem cuide de si, ao discutir o maior bem e o maior mal que se podem atingir na vida: “Há alguém que deixe de lado o cuidado de si mesmo ou de alguma parte sua, ou a conservação das suas forças, ou o movimento, o estado, ou alguma das outras coisas convenientes a sua natureza?”. (*Sumo bem e Sumo mal*, XIII).

E para cuidar de si mesmo, curar a alma, e viver sabiamente, busca a filosofia:

A filosofia é certamente a medicina da alma, cuja assistência não deverá ser procurada fora do corpo, mas nos mesmos podemos nos medicar para o efeito de nos curar. Mas, como a filosofia é geral, eu penso como Hortêncio, já disse que a filosofia merece crédito e atenção. Tenho discutido e escrito sobre seus ramos e matérias (*Tusculanas* III, 6).

Essa busca pelo conhecimento, advindo das filosofias helenísticas, estoicismo, epicurismo, cirenaísmo, da medicina hipocrática, tem a finalidade retirar as opiniões erradas, que

contraímos de nossa alma, onde está as “sementes da virtude”, que são naturalmente lançadas em nós, pela natureza, precisando ser cultivadas para se ter uma vida feliz, aperfeiçoando-as:

E, então, os melhores homens enganaram-se, não tanto em suas intenções, quanto na conduta errônea. O quê? Não há cuidado com a cobiça de dinheiro, com desejo de prazeres, e assim, são perturbados os espíritos e as almas, de modo que não falte muito para a loucura, que é o caso das pessoas fracas. Será que prejudicam menos as doenças da alma dos que as do corpo? Ou por que o corpo pode ser curado, enquanto não há remédio para a alma? (*Tusculanas* III, 4).

Assim, a procura por uma filosofia como doutrina, tornava-se necessária, pois as más opiniões e os maus costumes, vindos de poetas, amas de leite, pais, irmãos e do povo, assim como a cobiça e o dinheiro, corrompiam as sementes da virtude, fazendo a alma adoecer.

As más opiniões consideravam que a morte era um mal (tema do livro I) e com isso passava a investigar o que seria a morte, que para Marco não era um mal. Cícero chegava a duas proposições: na existência da alma, quando esta se emancipa do corpo, nos livramos dos desejos e estímulos que rivalizavam com aquilo que nos fazia feliz, que Cícero compreende como o conhecimento das coisas celestiais, a verdade; a morte era a dissolução de todas as sensações.

Marco: Que? Você admitiu isto - que a alma ainda existe depois da morte? Ou que ela perece com a morte? A (discípulo): Eu acredito nisso. E, se existem, admito que eles sejam felizes; mas se eles perecem, eu devo supor que são infelizes, porque, de fato, eles não existem. Você empurrou-me a esta concessão, mas só agora. Marco: Como, então, você pode, ou porque você insistiu, em pensar que a morte é um mal, quando isto os faça felizes, no caso da alma continuar existindo, ou não infelizes, sendo destituídos de todas as sensações? (*Tusculanas* I, XI, 25)

A importância do conhecimento celestial e de toda a preparação para atingir este conhecimento está em infundir a modéstia nos que veem quão grandes são nos deuses a moderação e a ordem, inspirando a magnanimidade aos que contemplam as obras e as ações dos deuses, e se movem com justiça ao verem a “reta vontade do sumo autor e reitor de todas as coisas” (*Sumo bem e Sumo mal*, V). Com isso, moral, lógica e física, conjuntamente a especulação sobre o mundo, se flexiona numa ascese, num exercício.

No exercício do diálogo nas *Tusculanas* com o aspirante, e no *Sumo bem e Sumo mal* com Catão, também percebo outra prática de si, a relação *parrhesiastica*. Marco Túlio se mostra muito franco, falando o que pensa sobre o estoicismo e sobre os discípulos de Platão e, também nas *Tusculanas*, quando discute várias doutrinas filosóficas, o que estas dizem sobre a morte, o sábio e a alma. Com isso, contribui na formação da subjetividade do aspirante, e mostra sua opinião, que preza muito os ensinamentos da Academia.

Considerações finais

Em consonância com os estudos de Foucault sobre a Antiguidade Clássica, percebo que o cuidado de si está presente na obra de Cícero em diferentes situações: na sua discussão sobre a morte, que a transformará num bem; na *parrhesia* que constituem as *Tusculanas*, o *Sumo bem e sumo mal*, e na sua relação com seu irmão; além da discussão de temas clássicos da filosofia antiga, o ideal de virtude, o sábio, a dor, o sofrimento, as doenças, os remédios para nos curar e nós mesmos indo buscar na filosofia, a tranquilidade, a retidão da alma e da vida. Consolida-se, por conseguinte, sua arte de viver, seguindo princípios, pensando logicamente, cuidando da alma, buscando o conhecimento e combatendo os vícios e o sofrimento. Por tudo isso, percebo indícios das práticas do cuidado de si na vida e no contexto político eleitoral - com o *Manual do candidato às eleições* - de Marco Túlio Cícero, estudadas por Michel Foucault



Referências bibliográficas

CHAUÍ, Marilena (2010), *Introdução à história da filosofia: as escolas helenísticas*, São Paulo, Companhia das Letras. V. 2.

CÍCERO (2000), *Manual do candidato às eleições*, São Paulo, Nova Alexandria.

CÍCERO, *Tusculanas*, Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com/cicero/tusc1.shtml>>; <<http://www.thelatinlibrary.com/cicero/tusc3.shtml>>. Acesso 16 out. 2011.

DUPLÁ, Antônio, *Novus sum, consulatum peto, Roma est: el commentariolum petitionis* de Quinto Cicerón, Disponível em: <http://gredos.usal.es/jspui/bitstream/10366/73100/1/Novus_sum%2c_consulatum_peto%2c_Roma_est_el_.pdf>. Acesso 28 de mai 2011.

FOUCAULT, Michel (2004), *A Hermenêutica do sujeito*, São Paulo, Martins Fontes.

FOUCAULT, Michel (2010), *O governo de si e dos outros*, São Paulo, Martins Fontes.

FOUCAULT, Michel (2011), *A coragem da verdade*, São Paulo, Martins Fontes.

FUNARI, Pedro. P. *Roma* (2003), São Paulo, Atual.

GARVIN, Ted & EITZEN, Hagen. *Project Gutenberg's Cicero's Tusculan Disputations, by Marcus Tullius Cicero*, Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/cache/epub/14988/pg14988.txt>>. Acesso em 26 out 2011.

GUARINELLO, Norberto (1987), *Imperialismo greco-romano*. São Paulo: Ática.

MENDES, Norma M. (1988), *Roma republicana*, São Paulo, Ática.

NOUGUÉ, Carlos A. (2005), *Do sumo bem e do sumo mal*, São Paulo, Martins Fontes.

PEREIRA, Maria H. (2002), *Estudos de história da cultura clássica*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian. V. 2.

PORTOCARRERO, Vera (2011), Governo de si e cuidado de si, *Currículos sem fronteiras*, 1, 2011, p. 72-85.

ROULAND, Norbert (1997), *Roma, democracia impossível?*, Brasília, UnB.



Sobre a autora

Kauana Candido Romeiro está no terceiro ano do curso de História na Universidade Estadual de Londrina. Está envolvida nesta pesquisa, sobre Marco Túlio, deste o primeiro ano do curso. É de Londrina, no Paraná. Atualmente faz parte do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência da UEL (PIBID).